



TIPOS ACTUAIS DE UNIVERSIDADE

pelo Eng. Rogério Martins, *Assistente*
do Instituto Superior Técnico.

Fundação Cuidar o Futuro



"A nation's system of education is much more important than its system of government; only a proper system of education can unify the active and the contemplative life, action and speculation, politics and the arts."

T. S. Eliot

"L'inachèvement est essentiel à toute pensée concrète, car l'unité réelle de son objet n'est pas celle d'un système, et c'est avec cette unité même qu'elle s'efforce de communier."

Étienne Gilson

1. Ao encararmos o tema que se nos oferece para meditação, duas vias extremas se nos deparam. Podemos considerar os vários tipos de universidade que chegam ao nosso conhecimento comparando com intuídos valorativos as características específicas, pesando sua actividade e constituição, emitindo apreciação sobre as virtudes de umas em face das outras; ou, por outro lado, podemos tentar simplesmente enunciar essas características, agrupando as universidades existentes em grupos tanto quanto possível baseados sobre dados objectivos, isto é, meramente descritivos ou estatísticos. Seguir a primeira via não me parece adequado ao menos na sua forma integral; seria com efeito, concentrar nesta discussão todo o nosso Congresso, pois que seria partindo duma doutrina e possuindo de antemão um critério de escolha, justificar determinado tipo em face dos outros, como aquele que mais perfeitamente corresponde a determinadas exigências. Em vez de apreensão da realidade ter-se-ia demonstração de um teorema; e supondo que isso era lícito e possível, teríamos resumido nisto todas as respostas às interrogações que nos preocupam e estão na base do presente Congresso.

Não se espere de nós essa atitude apriorística de indicar qual o "melhor" tipo de Universidade. Pensemos pelo contrário, que esta nossa discussão possa servir para depurar certos elementos que contribuam para a elaboração do conceito de "melhor" em Universidade, formulado "à posteriori".

Por outro lado, parece-me insustentável atacar o presente



problema com uma mentalidade puramente estatística ou classificadora.

Em primeiro lugar, a realidade concreta é demasiado viva e variada para se deixar apertar facilmente dentro da quadrícula conceitual; não estamos em face dum panorama geométrico, duma distribuição regulamentada, mas de qualquer coisa profundamente fluida, quero dizer, onde as fronteiras são difíceis de estabelecer, as determinações se interpenetram e as influências históricas, as exigências modernas, a transformação das mentalidades se fazem sentir impedindo qualquer conceito de rigidez. "Congelar" esta realidade viva, para usar a expressão de Bergson, é adulterá-la profundamente, querer sistematizar é perigoso e falaz; a única atitude lícita parece-me ser a duma profunda sujeição ao real, deixando honestamente que as grandes linhas mestras nos surjam sem que as forcemos. Cartalogação não será possível; mas todos os que sentimos a lição da filosofia do nosso século sabemos que todo o pensamento concreto é por essência inacabado, porque é permanentemente aberto ao real, a quem só deve fidelidade.

E em segundo lugar, em face desta realidade tão viva e que tão profundamente nos interessa, não se pense que nos seria possível abordá-la com o ar despreocupado e alheio de quem classifica boletins de recenseamento. Aqui, entra em jogo todo o nosso ser; sempre acreditei que o conhecimento é um acto espiritual no qual, como diz Berdiaff, "non seulement opère l'intellect, mais converge la totalité des forces spirituelles de l'homme, son être voulant et son être sentant". Perante um assunto que tão intimamente nos toca, não podemos alhear a totalidade do nosso espírito, o peso de passadas vivências; não procurarei de nenhum modo ser impessoal, convencido como estou do insignificativo de tal atitude, e de que a verdade, o universal, se atinge através pessoal. Não como coisa feita, idéia abstrata descausando soberantemente no mundo das realidades eidéticas à qual se chega como Cabral chegou a Santa Cruz, mas como criação que pertinazmente se ergue, em profunda e humilde submissão ao real, através cooperação com o real.

Tentarei aproveitar a experiência da fenomenologia, não para seguir a Husserl na doutrina o que seria incoerente com o que acabei de dizer, mas apenas no método, e este, acho-o declaradamente o mais adequado a tratar a questão que nos preocupa. Tentar-se-á, por seu intermédio, a partir da análise fenomenológica de certos casos concretos, atingir verdades essenciais.



A sombra daquela idéia, cujo enunciado por Eliot encima o presente relato, estará presente em todo ele, ao longo de todo ele, como anjo tutelar cujo vulto gigantesco se não pode esquecer. O sistema de educação duma nação, o tipo das suas universidades é com efeito tremendamente mais importante que a sua forma de governo ou o seu regime jurídico e administrativo ou até a sua organização social; e isto num sentido muito mais vasto do que aquele que o próprio Eliot parece encarar (como meio de estruturar e dar sentido e unidade à vida cultural, intelectual e política duma Nação, ao conjunto portanto das suas actividades mais nobres); porque é da Universidade que saem as "élites" da vida moderna, (e mesmo as notáveis excepções só confirmam esta regra), e a acção das élites depende do seu espírito, do sentido que tem e da configuração que é própria à sua mentalidade, à sua escola de valores, à sua filosofia, entendendo por filosofia aquilo que, implícita ou explicitamente, conduz os homens na vida. E isso, vão-no os diplomados buscar, na mais importante parte, às Universidades, que os recebem nos anos mais plásticos da sua vida e os marcam com o cunho do seu próprio espírito. Se não é esta a ocasião para desenvolver este pensamento, não sejamos contudo alheios a sua projecção.

2. Analisemos quatro casos concretos de vida universitária.

a) O estudante acaba de entrar na Universidade. Diríamos melhor, de ser recebido. Porque, em conjunto com os seus colegas calouros, participou em sessões de boas vindas que lhe foram dedicadas, talvez algumas de carácter religioso, acolhendo-o ao seio da comunidade a que agora passou a pertencer e esboçando-lhe as suas atribuições e prerrogativas. Em breve verá como esta comunidade é uma realidade. Mas foi também recebido individualmente: pelo chefe da casa onde vai residir (porque ele teve de abandonar a vida familiar para vir para a Universidade), pelo dirigente de esta ou aquela sociedade de estudantes a que (por tradição de família ou outro motivo preferencial) requereu para ingressar, pelo seu director de educação. Esta vai ser a personagem mais importante para ele no primeiro período da sua nova vida. Pode ser que seja o professor de uma certa especialidade a quem o enviou o director da Faculdade, ou um membro do corpo académico, professor ou assistente, pertencendo à mesma residência que ele, a que chamará "tutor"; ou um "Regent", como na Universidade escocesa de St.



Andrews; ou simplesmente o chefe da sua equipe de trabalho, como na "Catho" de Paris. De qualquer modo, é a pessoa competente sob cuja orientação e direcção se encontrará o nosso estudante durante todo o seu curso; talvez só no aspecto pedagógico da sua actividade, mas é possível que também no aspecto moral do seu comportamento. Este director escolherá, de acordo com os desejos enunciados pelo estudante, o conjunto de disciplinas que deve frequentar; ensinar-lo-á a penetrar e a singrar no meio académico; orientará o seu estudo, e exigirá contas amiudadas dele; ajudá-lo-á a descobrir as suas próprias possibilidades, e a aproveitá-las do melhor modo. Não se sentindo desamparado na nova vida, mas por outro lado com rédea suficiente para escolher com independência o seu modo de agir, o estudante vai descobrindo cada vez mais que a Universidade é como uma grande família; talvez melhor como um mundo que o solicita por todos os lados. Há o estudo, claro, as aulas de professores famosos, o prestígio dos estudantes mais distintos, o estímulo intelectual que são para ele os trabalhos escolares, as conversas com o director, as distinções académicas; mas, fóra do lado académico, encontra não menor estímulo intelectual nos debates das organizações de estudantes, nas conferências que vultos célebres vêm fazer à Universidade, no convívio com certos mestres e certos alunos, de mente alerta perante as realidades do espírito, a quem não consegue designar melhor do que por "pessoas com interesse". Mas fora da cultura, há tanta coisa a prendê-lo também! As relações sociais: é convidado frequentemente a casa dos mestres e assistentes, e se nalgumas dessas visitas não se sai da banalidade noutras encontra poderoso incentivo para o seu desenvolvimento. Ele próprio convida também companheiros à sua residência, e é convidado por eles; formou talvez já um círculo de preferidos com quem compartilha a alegria das novas experiências. Há também a Sociedade Teatral, já se sabe, e a Associação religiosa, e a inumerável lista de outras associações centradas neste ou naquele interesse para algumas das quais se sente atraído. E o desporto, também: gosta de ir espalhar um bocado do estudo para os campos de jogos, e talvez venha a revelar aptidões que lhe permitam realizar o sonho de representar, nas competições, a sua residência, ou a sua Faculdade, ou mesmo a sua Universidade. Porque ele sabe que a distinção se pode atingir não só no estudo, mas em muitos outros campos;



como diz JhE. Hales "While one man's chief ambition may be to gain academic success, that of another may be to make a mark at the Union, to shine et the Dramatic Society, or to win a blue". Nesta vida cheia que leva, a personalidade do estudante começa a revelar-se; ele sente que a Universidade é uma verdadeira comunidade viva no interior da qual o seu carácter se forma, a sua mente se alarga, a sua cultura se enriquece, as suas relações se multiplicam, o seu físico se revigora, um espírito novo o toma e o marcará para o resto da vida: ele permanecerá para além dos últimos exames preso pelo coração à "Alma Mater", mesmo que não venha ensinar nela, mesmo que não colabore nas publicações de antigos alunos, mesmo que use raras vezes o seu emblema ou a sua gravata distintiva. Pelos laços vivos do coração e do espírito, desde que entrou para esta comunidade já dela não sairá: e sentir-se-á orgulhoso disso pelo resto da vida. Para ele, educação ficará sendo isto: o contacto íntimo de personalidades; os seus fins, moldar as pessoas no respeito a certas atitudes e conceitos básicos que são, segundo ele, o próprio sentido da dignidade na vida.

Só quem seguiu de perto esta vida, ou melhor a viveu, pode em rigor apreciar o valor deste ideal universitário; temos um recente testemunho entre nós, muito acessível, do dr. A. C. Ramalho, nos "Estudos" de Dezembro 51/Janeiro 52; e é interessante saber-se que as Universidades onde tal ideal é realizado tão fortemente o prezam que duas delas mesmo sob pressão governamental, decidiram não alargar o número de estudantes que as frequentam com medo que este carácter comunitário se perdesse (trata-se de Oxford e Cambridge; vide "Britain Today", Set.47, artigo de B. I. Evans "University Expansion").

Este exemplo nos leva a considerar o que se passa do ponto de vista de direcção e administração da Universidade. Em rigor, pode dizer-se que tanto uma como outra são principalmente académicas. A Universidade existe acima da Corporação dos Colégios ou Faculdades como entidade própria e autónoma em face do Estado e dos outros organismos nacionais, publicos ou privados. Escolhe o seu próprio destino e governa-se a si mesma. Não é, evidentemente, impermeável às exigências do tempo presente, às condições particulares da hora que passa; mas reage segundo a sua natureza própria e não suporta interferências. De resto, esta independência em face do Estado talvez venha duma certa re



lação com a Igreja (pode ser confessionalmente católica, como Notre Dame, nos EUA, ou angelicana, como Durham, na Inglaterra), ou lhe crie às vezes problemas com as entidades particulares que lhe dão vida económica; mas regra geral a sua autonomia não é nunca afectada e pode de terminar-se conscientemente a si própria.

Este é um primeiro exemplo de realização universitária.

b) Consideremos novo caso. O estudante vive numa grande cidade; nessa cidade há uma Universidade do Estado, dependente dum Ministério, creada por Decreto, regida por um corpo administrativo no qual o Estado tem total domínio, deixando apenas as questões estritamente académicas ao corpo docente. Às vezes há conflito, mas por experiência a Universidade, que é totalmente dependente e em rigor não tem nenhuma autonomia, procura evitá-lo, porque não ganha com isso. Provavelmente a Universidade é uma expressão metafórica: o que o estudante vê é um conjunto de Faculdades e grandes Escolas dispersas pelos quatro cantos da cidade; ele próprio pode tirar todo o curso sem conhecer senão a sua, e a vida orgânica da Universidade é tão remota que, provavelmente, a maioria se diplomará sem ter dado por ela. De vida comunitária nem se fala: o estudante não abandonou a família para vir estudar, e acaba das aulas regressa à cidade, de cuja actividade a vida Universitária mal consegue destacar-se e segue os seus hábitos antigos e a influência do mesmo meio que o moldou durante a escola secundária. O estudante, de facto, apenas, entrou para a Universidade. É provável que nem tenha sido recebido; entrou e começou com aulas, onde "ex-abrupto" um certo professor começou expondo certa matéria. Esta matéria pode ou não pode estar relacionada intimamente com as outras que estuda; de qualquer modo é difícil que esteja relacionada com as preocupações do momento. O objectivo é ensinar ciência, por definição acima do borbóriho humano, magestosa e intangível na sua esfera. O aluno é deixado totalmente à vontade para escolher o método melhor de estudo; é de resto a única coisa que tem de escolher, porque o curso é pautado e regimentado por regulamentos externos, e ele tira exactamente o mesmo que todos os seus colegas. Como tem mais tempo livre que no liceu, e nada o prende na Universidade depois das aulas (a não ser talvez trabalho na biblioteca) se o meio de onde provém não o dispersa concentrar-se-á no estudo, e provavelmente estudará mais que o seu colega da alínea ante-



rior. Mas é um trabalho mais árduo; se for inteligente, tirará melhores resultados, mas corre constantemente o risco de se transviar ou de se embarçar: não tem ninguém a dirigi-lo no seu estudo. Quanto aos professores, nem pensar em ir ter com eles! Rodeia-os uma aura de distância, de respeitabilidade, de fama; provavelmente têm muito mais que fazer, na investigação, se são sábios, ou na vida profissional, se são práticos, do que perder tempo com as dúvidas dum caloiro. Nem sonha em encontrá-los fora das aulas, de resto. Isto pode enrijar o espírito do aluno, se é de boa ténpera, ou perdê-lo, se não é. Provavelmente ele recorrerá a um ou a outro amigo; mas é difícil fazer amigos, não há actividades sociais, e os colegas de classe são rivais em potência, que descobriram um elemento bom de estudo e fazem caixinha com ele; por isso o mais natural é que pouco mais fortifiquem que as amizades que vinham de fora, ou de antes, da Universidade. Mas, enfim, estuda ciência: isto lhe parece o fim de toda a educação. Ciência em si mesma, e por si mesma; no ambiente paíra um certo desprezo pelas preocupações metafísicas, ou no extremo oposto pelas implicações que a ciência traz para as relações profissionais; isso são assuntos a encarar e a resolver, fora da Universidade. De resto o filho dilecto desta é o estudante que, aprofundando e concentrando-se em determinado ramo, se torna investigador. Isso exigirá alta capacidade mental, porque o nível dos estudos é elevado; e esta propensão especial, que a Universidade conscientemente ou não, inculcou de amor pela ciência pura enquanto tal, posta acima de qualquer outra preocupação. E é evidente que é considerado pertencente ao foro íntimo de cada um resolver os problemas morais e filosóficos de conduta na vida. Há um passo de Raissa Maritain que exprime bem o que se passa, ao referir-se aos sábios eminentes que foram seus mestres na Sorbone: "Ce sont d'admirables observateurs, qui aiment cette tranquille étude de la nature. Pour moi je voudrais, cette même nature, la connaître d'une autre manière - dans ses causes, dans son essence, dans sa fin. Un jour je m'enhardis à le dire au professeur Laficque. - "Mais c'est de la mystique!" s'écria-t-il indigné. Formule de scandale chère aux contempteurs de la métaphysique, et, depuis, tant de fois entendue à la Sorbonne... Pour moi, première blessure; première atteinte en mon esprit à la confiance que je portais à mes maîtres".



c) No terceiro caso que consideraremos, o nosso jovem ao entrar na Universidade tem uma idéia claramente definida do que lhe vai pedir: uma profissão liberal, com a qual possa ganhar dinheiro e ser útil à comunidade. Provavelmente teve de trabalhar durante o tempo que frequentou a escola preparatória, e agora que subiu um ponto tem de continuar a trabalhar nas horas livres para poder estudar; não tem tempo nem disposição para ser diletante; estuda disciplinas concretas. ciência aplicada, técnicas de produção, matérias administrativas, que lhe permitirão arranjar emprego remunerador e útil; não lhe passa pela cabeça, nem de resto encontra a esse respeito a mínima sugestão no ambiente, preocupar-se pelas questões de ordem cultural, pela filosofia, pelas disciplinas do espírito, nem mesmo pela ciência pura; isso seria, de qualquer modo, perda de tempo, fantasia deslocada. Desde novo, de resto, que respira no ar da região em que vive este utilitarismo que caracteriza a sua atitude; não o admira vir encontrá-lo na Universidade. Pois que há mais que interesse além de conseguir melhorar os métodos de produção ou de cura, aprender a simplificar e dominar os processos da vida económica ou da vida biológica, vir a saber exercer competentemente uma profissão que aumente o nível de vida, seja no aspecto económico, seja no aspecto de saúde pública? De resto, vivendo num universo estatístico onde os índices e os números são o argumento mais frequente e mais aceite, habituado a reduzir tudo a termos lineares de medição e valor monetário, parece-lhe não haver destino mais belo do que o de conseguir fazer betão com 50% de economia dos materiais ou chegar a obter das vacas 30% mais leite do que é habitual. Betão mais barato e leite mais abundante, para a filosofia pragmática que segue (sem lhe conhecer o nome), e que aliás com ele segue a Universidade inteira, e mesmo a região inteira, é sinal e penhor de mais bem-estar, portanto de felicidade: podem fazer-se mais casas, beber-se mais leite, fica mais tempo livre disponível para os empregos duma e doutra indústria, que pode ser empregado em divertimentos ou em novos trabalhos, o que aliás se pode comprovar pelas estatísticas de ingresso nos clubes locais ou os índices de aumento de produção, etc., etc.. O processo é redutível ao infinito: há sempre novos números que provam novo bem-estar. E a felicidade fica demonstrada pelas estatísticas. A ciência interessa-lhe enquanto tem projecção utilitária; como, aliás, nunca se sabe até que ponto essa projecção aumenta-



rá, tem um respeito autêntico pelos cultores da ciência pura; mas sente que isso exige um fôlego que lhe não é próprio, e prefere, quando esbarra com uma dificuldade, e tem de investigar, fazê-lo pela via experimental. Trabalho em equipes, com os seus colegas, e experimenta metódica e incansavelmente; muitas vezes acaba por descobrir um método prático que supera o obstáculo. Para ele, isso é o cume do trabalho universitário. Escusado é dizer que uma atitude intelectual desinteressada, aberta à cultura, é coisa que não entende. Trabalho universitário é trabalho, de preferência em grupo, nos laboratórios e campos de experiência; aí é que se avança no domínio das forças da natureza. Do resto, só antevê confusamente a existência, e de nenhum modo entende a utilidade. Útil é fazer dinheiro e melhorar o nível da comunidade. Neste ambiente geral, é de ver que as preocupações do convívio com os colegas se reduzem a preocupações de equilíbrio social, de prova do seu ajustamento emocional ao meio; participa provavelmente na vida das numerosas associações académicas, onde pratica desporto e aprende a arte da democracia aplicada. A Universidade, embora recebendo dinheiro de fontes poderosas, ou mesmo das autoridades públicas, é provavelmente autónoma no que respeita ao seu governo; cujas regras, de resto, têm a expedita simplicidade da ausência de tradição e do sentido prático do *time is money*.

d) No último exemplo concreto que consideraremos, vimos de novo encontrar uma Universidade órgão do Estado, que a cria, a sustenta, a governa e lhe indica os fins a conseguir. Estes podem ser, por exemplo, fornecer em dado ano um certo número de peritos metalúrgicos de alumínio e outro número de ictiólogos, necessários para ocuparem os postos previstos em certo sector de novo plano económico estendido a toda a Nação. Durante esses anos, o que interessa é que a Universidade, roda da engrenagem gigantesca do estado socialista, cumpra a missão que lhe cabe rodando afinadamente; isto é, formando os metalúrgicos que não-de ir transformar a bauxite de determinada região em riqueza para a Sociedade, e os ictiólogos precisos para se aproveitar a riqueza de determinadas águas. Deste trabalho dividido e regulado, distribuído com precisão pseudo-"científica" segundo as exigências duma economia totalmente planificada, deve resultar um novo avanço na senda de felicidade socialista. Mesmo que isto não seja evidente, os universitá



rios não podem duvidar de tal, porque dúvidas, últimas excrescências duma mentalidade burguesa, só servem para dificultar o trabalho. Portanto, é preciso doutrinação. A Universidade dedicar parte apreciável do seu tempo ao ensino das teorias socialistas vigentes; é preciso que os princípios da superioridade soviética, em abstrato e em concreto, fiquem bem inculcados. Falhar neste aspecto pode significar a expulsão, quer dos alunos, quer dos próprios mestres, por ineficácia de ensino. Por exemplo, diz-nos a "Osterreichische Academia" de Março/53 que 15 alunos da Universidade de Moscovo não foram admitidos ao exame no ano passado por "conhecimento deficiente do Marxismo-Leninismo"; os estudantes da Universidade de Berlim-Leste têm de atestar a sua actividade na "luta pela Paz" para continuarem os estudos; segundo nos diz "La Nation Roumaine", citando a "Scanteia" todo o ensino na R.P.R. se faz segundo o princípio de que "La base du progrès de la science et de la culture de notre pays est l'assimilation profonde et passionnée, ainsi que l'application créatrice de la gigantesque expérience de la science et de la culture soviétiques". O mesmo jornal informava posteriormente que foi preciso rever os horários nas Universidades por se dedicar demasiado tempo as actividades das organizações políticas de juventude e ao ensino do estalinismo em prejuizo das outras matérias. E os próprios mestres têm de vigiar-se atentamente, para não caírem em erros ideológicos, de cosmopolitismo, burguesismo ocidental e deficiência de aplicação dos princípios do materialismo dialéctico do seu ensino. Vide, para exemplo, "La Nation Roumaine" de 15-3-53, citando as purgas das Universidades, em especial o caso do professor Jitariu da Universidade de Jassy.

Não há dúvida: aqui a Universidade quer ter uma férrea certeza de que o aluno que de lá sai, sai moldado de certa maneira pré-estabelecida, e pensando de certo modo. Quanto à actividade cultural, não se entende senão espartilhada segundo as normas vindas de cima; normas minuciosas, de resto, que não deixam campo livre à interpretação em nenhum sector. A própria actividade científica se encontra dirigida de modo semelhante; interessa sobretudo traduzí-la em técnicas que melhorem a economia, e o aluno deve sair com determinada profissão necessária em determinado momento. (Certas passagens de "La Seconde Chance" de Gheorghiu são elucidativas neste aspecto). A direcção da Universida



de, como vimos, pertence ao Estado; é justo, de resto, pois se lhe pertencem as almas dos professores e dos alunos porque é que lhe não haviam de pertencer os incidentes materiais da vida universitária?

3. Acabamos de ver quatro exemplos concretos de actividade universitária no mundo de hoje. Não são todos os exemplos que se podiam citar; mas são exemplos que polarizam determinadas características essenciais e por assim dizer percorrem todo o horizonte da vida universitária actual, como pontos cardiais de influências e mentalidade; é relativamente fácil, dada uma universidade qualquer, referi-la em relação aos exemplos citados, situá-la a Noroeste entre o exemplo a) e o exemplo c), mostrar as afinidades com este ou aquele dos casos citados.

Não é isso contudo o que interessa fazer aqui; interessa antes proceder a uma análise que nos avance no domínio conceitual.

Torna-se talvez claro que, ao tentarmos fazer esta análise se nos deparam duas espécies de determinações ou novas características, que distinguem de outra uma certa Universidade; à falta de melhor termo, chamar-lhes-ei determinações constitutivas e determinações projectivas. As primeiras visam à maneira como a Universidade se apresenta constituída; condições materiais de vida do agregado universitário; métodos pedagógicos; organização interna, em face do Estado e doutras entidades; espírito da Universidade.

As segundas dizem respeito à acção que a Universidade desenvolve nos seus alunos, a maneira como se projecta nas suas vidas e mentalidade: teremos de encarar a formação e a instrução que fornece, de que tipo é, e que equilíbrio encontrar entre as duas exigências.

Comecemos pelas primeiras.

Do ponto de vista das condições materiais de vida do agregado universitário, a diferença é máxima entre o tipo a) e o tipo b), isto é, entre uma Universidade residencial e uma que o não é.

O tipo puro de Universidade residencial é como vimos, aquele em que tanto os professores como os alunos vivem no espaço da Universidade; pode acontecer que os alunos vivam em residências próprias, diferentes das casas dos professores, embora próximas, mas acontece em certas Universidades americanas (Harvard, Cornell, etc.), ou que na mesma



residência possam habitar professores e alunos, como nos Colleges de Oxford e Cambridge; o grau de personalidade destas residências varia, de caso para caso, mas em todos temos o conjunto discente e docente reunido permanentemente nos campos de Universidade, que de preferência se encontra afastada dum grande centro urbano. O tipo puro da Universidade não residencial é aquele em que não há nenhuma vida comunitária, vivendo estudantes e professores separados entre si e separados uns dos outros; é o caso normal das Universidades das grandes cidades. O exemplo puro é Lisboa; cada um vive em sua casa, hermético e impermeável ao convívio social universitário.

No entanto, o caminho de uma à outra está cheio de casos intermédios, exemplos de Universidades não essencialmente residenciais onde no entanto um número cada vez maior de estudantes habita em residências, sejam elas exteriores à organização universitária, sejam reconhecidas por ela. É o caso da maioria das Universidades modernas inglesas; Bruce Truscot indica que a tendência é torná-las a pouco e pouco mais residenciais do que são agora, (vide também 62). É o que vai acontecendo em Espanha, com a criação dos Colégios Mayores, junto das Universidades. É o que se pretendeu com as cidades universitárias residenciais, como a de Paris e a de Roma.

A atitude da própria Universidade a este respeito é fundamentalmente diversa. As residenciais por natureza recusam-se a conceber qualquer tipo de educação universitária que não seja comunitária; qualquer testemunho delas (Vide E e K) no-lo diz; e já vimos como defendem denodadamente a preservação de tal sistema perante tudo que o possa fazer perigar. Das não residenciais, algumas são totalmente alheias ao problema; outras, ao contrário, como vimos, esforçam-se por fomentar a vida comunitária criando novas residências.

É interessante notar que o professor Bensaude, fundador do Instituto Superior Técnico, não foi alheio à noção de importância duma vida comunitária mais intensa dentro da Escola, sobretudo temendo o efeito pernicioso que o meio ambiente podia ter contrariado a acção pedagógica; daí a idêia de furtar o aluno o mais possível à acção desse meio criando horários maciços. "As más influências, ambientes, que originaram as suas principais deficiências, continuam a actuar sobre o aluno neutralizando mais ou menos os efeitos salutareos do regime, mes-



mo durante a frequência da escola, que não o pode isolar completamente. Daí a vantagem de organizar ao menos os horários de modo a que este passe o dia inteiro ocupado, dentro do edifício do Instituto, em trabalhos variados, a fim de o subtrair o mais possível a tais influências. Seria até por isso conveniente que o aluno ali pudesse tomar as suas refeições".

Quanto aos métodos pedagógicos, vemos que qualquer dos 4 casos apontados têm os seus métodos próprios. No primeiro, há um director de estudos que orienta o trabalho do estudante; este é encorajado a aumentar a sua cultura geral e a escolher além disso a via própria da sua vocação, aprofundando a sua especialidade; o seu trabalho é sobretudo pessoal e responsável, e nele toma parte importante o contacto directo com os mestres. Ao contrário, no segundo caso é deixada ao aluno total liberdade de estudo e orientação; uma liberdade que lhe sai cara, em primeiro lugar porque lhe é mais difícil fazer uso dela em segundo porque esta liberdade é normalmente cortada por uma regulamentação rígida do curso. (É o caso nacional, em que pelo Decreto nº. não é permitido a um Universitário estar matriculado simultaneamente em mais de uma Faculdade.) Enquanto no caso anterior o aluno escolhia, aconselhado, as disciplinas que quer estudar, resultando daí um sentido de responsabilidade e personalidade, agora o curso é-lhe imposto: todos o tiram igual. Vimos também como a ausência de contacto directo é a regra. Entre estes dois tipos, é possível ainda encontrar uma maior ou menor tendência a entrar-se no regime de director de estudos; muitas vezes, contudo, trata-se de simples modalidades desse regime (como o caso já citado de St. Andrews). Os métodos pedagógicos do tipo terceiro são muito diferentes. O ensino é feito em moldes expeditos e facilitados; isto é, o esforço que o aluno tem de dispender nos dois casos anteriores a desbravar o caminho de aquisição de ciência é aqui terraplanado por processos simplificadores e mesmo niveladores, de resto a possibilidade de repetir exames sucessivamente até passar, de que resulta baixíssima selecção, tende a espalhar o conceito, falsamente democrático, de que todos devem poder passar. (Vidé M). O teste é o elemento vital; em face dele a determinação do curso fica feita; substitui a escolha. Feichtbauer, comentando a sua experiência na St. University, E.U.A., exclama desolado "Der staunende Laie aus Wien wird



noch ganz andere Beschränkungen unserer so geschätzten Freiheit kennen lernen!" Deste ensino, forçosamente superficial, é ainda característi-
ca a intimidade, às vezes desconcertante, entre mestres e alunos. (vi-
de mesmo artigo de Feichtlbauer): "Das ist das wesen einer jeden "Vor-
lesung": Debatee, Aussprache zwischen Lehrern und Studenten." Além
disso, o recurso frequente ao trabalho em equipe, a experimentação
amiudada, o uso do gráfico e da estatística: aí temos o sumo duma tal
pedagogia. Quanto ao quarto caso, pelo que podemos saber é nesta mesma
direcção que as coisas se passam: o trabalho em grupo é inteiramente
adequado às exigências de ética socialista. Especialização no mais al-
to grau, também; métodos de ensino rigorosos, e exigentes, porque não
há lugar para diletantes ou espíritos cosmopolitas no "Universo concen-
tracionário."

A organização interna da Universidade, a sua personalidade
administrativa e jurídica, a sua posição perante o Estado e as entida-
des privadas ou públicas, polarisa-se, em meu entender, em torna de
duas concepções básicas antagónicas: ou a Universidade é encarada como
organismo perfeitamente autónomo no interior da comunidade nacional,
pessoa jurídica com largas atribuições de independência moral, adminis-
trativa e política, e larga projecção no concerto das instituições na-
cionais; ou, no extremo oposto, é concebida como um organismo do Esta-
do, estabelecido, administrado e governado por ele, sem qualquer velei-
dade de autonomia a não ser, talvez, no campo puramente académico, e
desempenhando no concerto das forças nacionais um papel semelhante ao
de qualquer repartição importante. Ainda aqui, é difícil dizer com ni-
tidez onde passa a linha divisória, mas dum modo geral pode dizer-se
que à primeira concepção pertencem as universidades do 1º. e 3º. caso,
e à segunda as do 2º. e 4º.

Analisemos ambas as concepções. Para a primeira, partamos da
definição que nos dá o Students' Handbook da Universidade de Cambridge
para o ano de 1935-36: "The University of Cambridge is a corporation
which, in addition to the usual powers of corporation, such as the
ownership of property, possesses the rights of exercising disciplinary
authority over its members returning tve representatives to Partia-
ment and conferring degrees". A primeira nota que nos impressiona é a
ausência do Estado em tudo isto: a Universidade é uma entidade à parte,



surgida de maneira privada e vivendo autônomoamente a sua vida. Como em toda a sociedade civilizada, contudo, a esta existência privada corresponde uma personalidade jurídica: o Estado reconhece-lhe os seus direitos e privilégios, possui propriedades, tem jus a promover a sua disciplina interna. Este é o primeiro aspecto das relações com o Estado. Em seguida, o próprio Estado considerando a importância pública da sua actividade, lhe reconhece o poder de conferir graus académicos; isto é, de qualificar determinadas pessoas sob o ponto de vista intelectual e profissional, e essa qualificação é válida perante o Estado. E finalmente, a sua projecção na vida nacional, que pelo acordo anterior era já enorme e fundamental, é reconhecida dum modo ainda mais explícito pela atribuição dum poder político: a Universidade tem voz na governação pública, enviando representantes ao Parlamento.

Este é o exemplo acabado duma Universidade autónoma; regendo-se interiormente com plena independência, reconhecida e honrada pelo governo como uma força à parte, mas intimamente actuante, na vida da Nação. É o conceito medieval primitivo; e o único, diga-se de passagem, que permite a Universidade ter um papel decisivo no equilíbrio das forças públicas, nacionais e mesmo internacionais. E note-se que mesmo o facto do governo distribuir somas cada vez mais importantes às universidades deste tipo não alterou a natureza das suas relações. (Vidé por exemplo E).

Este ideal o tipo de Oxford e Cambridge nem sempre se encontra realizado senão parcialmente. Dos 3 graus que pressupõe, nem todos se concretizam. Vejamos alguns casos de realização incompleta começando pelo exemplo das Universidades Americanas. A grande maioria delas são privadas, quer dizer, não Estaduais (como se sabe a educação, segundo a constituição americana, é atribuição dos Estados da União, e não de âmbito federal). Constituídas com fundos particulares, provindo muitas vezes de generosas dádivas filantrópicas, levam uma vida independente e autónoma; o Estado reconhece-lhes a existência jurídica. É o primeiro passo do processo acima referido. Mas além disso o Estado reconhece ainda o valor dos diplomas conferidos; quer dizer, os graus concedidos são publicamente válidos. Em teoria, têm mesmo todos o mesmo valor; acontece, contudo, que na prática, devido à natural diferença de categoria, o valor atribuído a um diploma depende da Universida-



de que o conferiu. (M cita o caso do diploma de Direito por Harvard que desloca em concurso público qualquer outro). A interferência das autoridades públicas na vida universitária é mínima, limita-se a simples super-visão de certas comissões pedagógicas, aliás de modo variável de caso para caso. Mas a Universidade não tem poder político de nenhuma espécie. O terceiro grau do processo de independência não se realiza; a projecção que se espera da Universidade na vida pública é, por assim dizer, subentendida, mas não se explicita por uma participação na Governança. Esta forma de autonomia universitária, semelhante à americana, é muito frequente. É por exemplo o caso das Universidades Católicas de Milão e de Friburgo. A ambas o Estado reconhece não só a existência legal como o poder de conferir diplomas válidos publicamente tal qual como os das Universidades do Estado. A última chama-se mesmo, para marcar este ponto, Universidade Católica do Estado, (Vidé, por exemplo, N). Acontece apenas que a protecção financeira varia, conforme os casos; nas universidades americanas há contribuição do Estado. Na de Friburgo também; mas na de Milão já não.

O aspecto de realização mais imperfeita da autonomia da Universidade é aquele em que nem o 3º, nem o 2º, graus do processo referido se dão; ficamos apenas no 1º., isto é, o Estado reconhece a existência legal da Universidade, mas não só não lhe concede voz política como nem sequer lhe reconhece a validade pública dos diplomas que atribua. É, infelizmente, o caso do Instituto Católico de Paris. Embora o grau do seu ensino não fique a dever, em certos aspectos, ao da Sorbena (testemunha o caso da E.S.S.E.C. cuja "anexação" o Estado várias vezes tem namorado), o anticlericalismo de certos meios franceses tem conseguido impôr, aos alunos que o frequentam, a obrigação de fazer os exames na Universidade do Estado para alcançarem diplomas legais. Se não é amarrar a Universidade de pés e mãos, é pelo menos torná-la bastante impotente; e é muito grato e muito justo reconhecer à "Cathe" o brilhantismo com que, apesar de tudo, tem mantido e elevado o seu prestígio acadêmico.

Tendo analisado a independência em face do Estado, observe-se agora que, para algumas destas universidades, o problema de independência põe-se em relação a certas entidades, privadas ou de administração local, de cuja bolsa a vida financeira da Universidade em parte



depende. No livro citado (K), Bruce Truscot analisa o que se passa neste aspecto nas Universidades inglesas modernas, o equilíbrio diplomático que é preciso conseguir entre a mentalidade académica e a mentalidade leiga dos que dão o dinheiro. Conclue, de resto, para o caso que analisa, não sem ironia, que "Like se many ether things in this country, the system is entirely reprehensible in theory but in practice works quite reasonably well" (pag. 63).

Ainda uma observação. Tendo partido da definição de Cambridge, analisámo-la no que respeita à independência de Universidade; haveria provavelmente mais a dizer sobre o papel que, como força independente, a Universidade tem a desempenhar na Nação, (perante as corporações profissionais das profissões liberais, por ex., que podem estar-lhe ligadas directamente, cooperarem simplesmente com ela ou de todo em todo a ignorarem), mas isso sairia fora do âmbito que nos propuzemos. Quanto à outra nota dessa definição até agora deixada de lado (Universidade como corporação) terá sido largamente discutida noutras sessões deste Congresso. Diga-se apenas que, neste caso, a palavra se entende não no sentido de comunidade corporativa (como quando falamos nas condições de existencia do agregado académico) mas no sentido de Universidade como corporação de "Colleges", cada um dos quais dispensando ensino, exercendo disciplina e governando-se autónomamente. É uma concepção tipicamente de Cambridge e Oxford. Sob este aspecto, a grande maioria das Universidades são não corporações mas unidades, divididas em Faculdades apenas por razões de método, Faculdades estas, de resto, normalmente apenas autónomas académicamente.

Ora em face desta concepção de organização, coincidindo, normalmente, como dizemos, com os casos a) e c), existe a concepção de Universidade como mero organismo do Estado. Totalmente dependente dele, portanto, em matéria financeira e administrativa, provavelmente independente em matéria académica (se isso não for muito incómodo) e podendo até muito bem ser que enfeudada ideologicamente ao Estado se se tratar do caso d), além Cortina.

O caso b) realiza-se também, geralmente, nestes moldes; é o caso da Sorbone, das nossas Universidades, das alemãs. Meros órgãos de ensino oficial, tudo nelas é sujeito ao Estado; não há mais nada a dizer quanto às suas relações com ele. Ainda menos questão é falar do aspecto corporativo. As repartições não se unem corporativamente, mas in



tegram-se segundo regulamentos. Destaquemos apenas que, no caso b), há ainda independência ideológica; ao menos enquanto o Estado se não torna demasiado exigente neste aspecto. Vou aludir a um exemplo muito distante já de nós, mas que elucida a permeabilização deste género de Universidade à influência do Estado, quando este faz pressão: o manifesto dos os professores universitários alemães publicaram a aplaudir a decisão do Kaiser de lançar o 2º. Reich na guerra, em 1914.

Destas quatro notas constitutivas com que pretendemos investigar o facto universitário contemporâneo, falta-nos tratar da último: o espírito da Universidade. Este é, sem dúvida, o ponto mais delicado, para quem se pretende submeter ao real sem o deformar com a sua análise. Quando falo em espírito, falo em consciência que a Universidade tem da sua missão, do objectivo que se propõe, digamos, do tipo de universitário que pretende formar.

Há Universidades que têm a este respeito uma idéia muito explícita. Por exemplo, as do caso d). O seu objectivo é claro: formar o homem socialista, que se ajuste facilmente à Sociedade soviética. A sua "metafísica" é a ideologia oficial do Estado, e segue servil e fielmente as suas flutuações; as suas pretensões científicas, criar uma ciência que se adapte à doutrina ideológica, e obter resultados práticos no campo tecnológico. O espírito que pretende inculcar nos alunos é este; para o conseguir, doutrina-os macissamente, usa métodos pedagógicos que anulem o individualismo, e procura tatanisar culturalmente os que a frequentam, ou o mesmo é, fanatisá-los espiritualmente. Passaremos a referir-nos-lhe pelo seu nome: é a Universidade Socialista.

Mas as universidades do tipo (a) têm também, Graças a Deus, uma idéia acerca do tipo de diplomado que querem formar. O seu objectivo é formar o homem todo; sem dúvida o homem intelectual alerta perante o mundo e culturalmente desenvolvido, mas além disso o homem cujas potencialidades morais, sociais e físicas foram apuradas, estimuladas e orientadas em vista a um desenvolvimento harmónico de toda a personalidade. Todo o seu ensino é orientado, pelo método e pelo conteúdo, no sentido de desenvolver o sentido de responsabilidade e de dignidade pessoais, e de formar o carácter do educando, não apenas em relação aos factos de ordem intelectual, mas a todas as situações que surgem



na vida. Nesta formação básica do carácter, orientada num certo sentido (pela adopção de certa escala de valores que distinguem todos os que frequentaram a universidade dos que frequentaram qualquer outra, e os acompanhará pelo resto da vida, passando a constituir o próprio sentido de existência) vem integrar-se a educação social, o gosto pela actividade física, a abertura da mente aos problemas de espírito. O rapaz, ao sair, ficou espiritualmente denso. A Universidade não lhe deu propriamente uma profissão; formou-o; mas é-lhe fácil entrar em qualquer actividade de direcção, na Administração pública ou privada, ou na parte mais intelectual de qualquer actividade profissional. Além disso, a Universidade prossegue na busca do conhecimento por si mesmo, "for its own sake" repugnando-lhes qualquer conceito utilitário ou escravizador da Ciência (ao contrário da U.Socialista, que a torna serva da Ideologia). Mas aspira, também, para além do progresso de cada Ciência particular, chegar a uma sabedoria que as ultrapasse e unifique, procura elaborar uma síntese que as torne um todo vivo e orgânico. Não conheço melhor definição desta aspiração que as palavras do Santo Padre à Catho de Paris, em Setembro do Ano Santo (in N): "Université no dit pas seulement juxt aposition de Facultés étrangères les unes aux autres, mais sythèse de tons les objects du savoir. Aucun d'eux n'est séparé des autres par une cloison étanche; tous doivent converger vers l'unité du champs intellectuel intégral. Et les progrès modernes, les spécialisations toujours plus poussées rendent cette sythèse plus nécessaire que jamais. Autrement le risque est grand de l'alternative entre l'excès d'indépendance, l'isolement de cette spécialisation au détriment de la culture et de la valeur générales et d'autre par la développement d'une formation générale, plus superficielle que profonde, au détriment de la précision, de l'exactitude, de la compétence propre. Réaliser cette sythèse elle-même, dans tout la mesure du possible, est la tâche de l'Université; la réaliser jusqu'à son mouid central, jusqu'à la clé de veüte de l'édifice, au-dessus même de tout l'ordre naturel, est la tâche d'une Université Catholique". Perdoem-me o tamanho da transcrição pela relevância do conteúdo.

O sentido desta actividade formativa varia de caso para caso. Pode ser um sentido tradicionalista, visando a formar homens que constituam a nata de uma certa Sociedade nacional; Oxford e Cambridge for-



nam "gentlemen", Harvard e Yale formam coisa mais híbrida (mas real) que é o "American gentlemen". Pode ser num sentido confessional; as "Catho", e "SacroCuore" de Milão, Friburgo, Nimégue, Washington visam a formar o intelectual e profissional católico, homem profundamente do nosso tempo mas autenticamente impregnado de mentalidade católica, prestes a vir iluminar o mundo com o calor da sua fé, a ajudar a melhorá-lo num espírito decidido e humilde de convicção espiritual e abertura aos problemas.

Estas Universidades formam, pois, homens; é o seu maior elogio; porque o que o nosso mundo precisa, hoje em dia, é de homens estruturados e densos de vida interior, homens-pessoas com o sentido íntimo e indefectível da própria dignidade. (vd. P) Já Newman, há cerca de um século, proclamava a supremacia deste tipo de universitários sobre qualquer outro; as suas páginas continuam sendo uma vibrante apologia do ideal de educação integral. (Vd, por ex., "Nature and Scope of University Education", "The idea of a University"). E não há no mundo de hoje voz mais profunda que a de Gabriel Marcel a reclamar, neste mesmo sentido, que a educação forme homens e não bonecos joguetes das "Techniques d'avilissement". (vd. O).

Como designar estas universidades? Há a tendência a chamá-lhes "éticas", mas a socialista, em rigor, é também ética; embora nesse caso, a ética que a inspira seja uma ética diabólica. Num ensaio anterior (P), chamei-lhe de "inspiração cristã"; o nome diz mais e menos do que se pretende, porque há uma tradição de humanismo grego entroncando fortemente neste tipo, e por outro lado os valores especificamente cristãos podem ser-lhe explicitamente alheios. Num artigo da "Arbor", Lasse de La Vega chama-lhe "formativa". É uma designação que me parece adequada e que empregarei doravante. (Corresponde sensivelmente ao caso da alínea a) acima referido).

Em face destes dois tipos de Universidades mencionados, alíneas a) e d), a formativa e a socialista, destaca-se nitidamente, na soberania da sua mentalidade abstrata, o caso da alínea b). Para esta Universidade, fruto do iluminismo do "século das luzes", o único objetivo digno da sua missão é o avanço e a disseminação de ciência pura, desligada de qualquer conteúdo especificamente cultural e alheia às exigências da personalidade humana. No início, fundada sobre um espíri



to aguerridamente laico, a sua concepção de ciência abstrata cultivada por si mesma tinha um matiz filosófico, anti-teológico. Jean Foyer, (in R), referindo como foi o governo revolucionário que reformou o ensino universitário em França, diz: "La Conversion Nationale, fêrue de discipline scientifique, se méfie des humanités, Ainsi que l'a montré Francisque Vial dans "Trois Siècles d'enseignement secondaire en France", pour les revolutionnaires, les disciplines scientifiques présentent une coloration politique, progressiste et avancée - de gauche -, les disciplines littéraires, au contraire, sont empreintes d'esprit de réaction et de cléricalisme". A este espírito laico inicial veio juntar-se, depois, a influência positivista: as Universidades deste tipo tendem a tornar-se puros focos de avanço científico, de facto impregnadas de espírito liberal. É este espírito liberal que as caracteriza, levando a desprezar a metafísica e a síntese filosófica das ciências, no ensino, e a manter um alheamento completo no que diz respeito à formação do aluno. A Universidade não tem que ser formativa; ensina simplesmente ciência. Quanto ao resto, a filosofia pessoal, vá-a o aluno buscar onde melhor lhe aprouver; a formação de carácter, as preocupações morais e sociais, o desenvolvimento físico resolva-as como quiser. Nada disso interessa à Universidade; agnóstica e indiferente, vive num mundo abstrato separado das realidades concretas da vida e do espírito; quando muito pode condescender em preparar para uma profissão, tendo contudo o cuidado de evitar qualquer referência às questões deontológicas. É a Universidade liberal. Encontramo-la em França e na Alemanha; que a companhia nos sirva de consolo, porque também a encontramos entre nós.

Quanto ao 3º. tipo, que dizer do seu espírito? Em rigor, é puramente pragmatista; no ensino que professa, nos métodos que segue, no tipo de diplomado que forma domina o utilitarismo; não inculca, de resto, dum modo explícito, esta doutrina, ou lá por isso qualquer outra, mas ela por assim impõe-se invencivelmente no ambiente. Dedicase à tecnologia (por isso La Vega, no artigo citado, lhe chama "tecnológica") como preocupação predominante; e pretende fazer dos seus alunos bons técnicos. Só isso? De facto, não; e embora não atinja a tomada de consciência formativa das universidades deste tipo, não cai também no alheamento enfastiado por essas questões que é apanágio das liberais.



O que se passa é que, a meio caminho, incita um tanto difusamente, sobretudo por meio de actividades extra-curriculares (conferências, associações, etc.) o desenvolvimento de certo espírito filosófico político a que por comodidade se chama espírito democrático. Com mais rigor se diria, uma vez que a maior parte das universidades deste tipo são americanas, espírito americano. Há uma frase de Eisenhower, quando reitor da Universidade Columbia, que define este estado de espírito: "The job of a University is to turn out useful citizens. I have the greatest respect for the high academic standards of the University and, believe me, those standards will never be lowered while I am here. But no University can live in an intellectual vacuum. Yes, every man and woman who enters this university must leave it a better American, or we have failed in our main purpose". (InS). Ele referia-se, de resto, a uma universidade do tipo a), formativa tradicionalista, cujo objectivo é educar "good Americans" segundo o sentido que a tradição daquele país dá ao termo; mas as palavras citadas falas também pela preocupação que é comum a muito grande parte das universidades americanas do tipo b), que consideramos. Mas, ainda aqui, as fronteiras não são rígidas: é fácil encontrar na Europa universidades do presente tipo sem a mínima idéa formativa, nem mesmo de modo longínquo que assinalamos para as americanas: pretendem simplesmente formar técnicos, et c'est tout. Designá-las-emos por Universidades utilitárias. Quanto ao mais, mediocridade cultural e respeito a distância pela Ciência.

4. Da análise da realidade universitária contemporânea à luz de certos critérios que designámos por determinações constitutivas, desenharam-se aos nossos olhos quatro tipos diferentes de universidades; respectivamente a formativa, a liberal, a utilitária e a socialista. Insisto uma vez mais que esta classificação não tem nada de rígido; nós próprios vimos que universidades havia que segundo um dos critérios deviam pertencer a um dos tipos e segundo outro a outros; mas ainda assim, parece-me que esta divisão ajuda a ordenar as idéias, sobretudo se se não esquecer que a pedra de toque para classificar uma Universidade tem de ser recorrer à análise segundo as 4 mencionadas notas constitutivas: condições do agregado académico, método pedagógico, organização e espírito. Tendo procurado ser o mais aberto possível



à realidade, o menos sujeito possível a idéias preconcebidas, pode em rigor levantar-se todavia a dúvida se o presente trabalho foi o mais inclusivo que se poderia prever. Se quisermos, em especial, sublinhar certos pormenores, há sempre possibilidade de multiplicar o número de critérios e complicar a classificação. Talvez isso não fosse indicado. Quero apenas mencionar um aspecto que ficou um pouco em segundo plano no que se disse: a distribuição das Universidades segundo a sua posição em relação à Igreja. Parece-me que se tem uma imagem da situação quando se considera que: a Universidade socialista é declaradamente hostil à Igreja; a Universidade liberal é alheia, com matiz anti-clerical muitas vezes mas noutras permitindo certas actividades religiosas, de carácter particular da parte dos alunos; a Universidade utilitarista repete esta última posição. Quanto à Universidade formativa, ou bem se encontra ligada a uma entidade religiosa diferente de Igreja Católica, como o caso das inglesas cujas ligações com a Igreja anglicana, sobretudo a de Durban, são bem conhecidas, ou o caso de Uppsala, ligada à Igreja reformada sueca; neste caso, em geral, existem certas práticas religiosas a que toda a comunidade é convidada a assistir, mas em geral também é dada liberdade aos grupos católicos; ou ao contrário a Universidade está intimamente ligada à Igreja: é o caso das Universidades católicas, como as já citadas. É nestas, naturalmente, que a voz da Igreja na esfera universitária se fez mais fortemente sentir. Como o Santo Padre diz: (ibidem): "La permanente actualité d'Instituts ou Universités Catholiques réside dans l'utilité, le besoin de constituer un corps de doctrine, ordonné, solide, de créer toute une ambiance de culture spécifiquement catholique".

Falta-me apenas discutir aquilo que designámos por determinações projectivas. Vai-nos servir a discussão para tirar certas conclusões, com que terminaremos este trabalho.

Apelidámos de notas projectivas aquelas características que se podem distinguir na Universidade quando consideramos a maneira como a sua actividade se projecta na vida e mentalidade dos alunos. É um critério subjectivo, se se podia chamar objectivos aos anteriores; quero dizer que é do lado dos seus efeitos que vamos agora encarar as Universidades e não, como até aqui, do ponto de vista da sua constituição; do lado das consequências, não do das causas. E, para isso, será às



exigências cristãs que vamos buscar a luz que nos acompanhe. Para nós, reunidos neste Congresso, não é indiferente o tipo de homens que deve constituir o escol futuro; tendo procurado atingir fenomenologicamente uma visão correcta da realidade, podemos agora, como cristãos, olhá-lo com olhos críticos; as palavras milenárias de Génesis nos dão audácia: "E viu Deus que isso era bom e disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; e governe os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais brutos, toda a terra, e todo o réptil que se move na terra. E criou Deus o homem à sua imagem." É desde logo evidente que a Universidade socialista deixa automaticamente de ser considerada no que segue; por natureza se exclui; pois tem o consciente objectivo de formar "robots" e nós queremos homens à semelhança de Deus.

Todo o problema se debate em torno do dilema Formação integral — instrução científico-profissional.

Que a instrução científica é uma tarefa essencial das Universidades, parece reunir os aplausos de todas; embora, como já vimos, se possam separar as que entendam esta instrução dum modo verdadeiramente superior, como a cooperativa e a liberal, e as que a aviltam ligando-a demasiado às suas consequências tecnológicas ou ideológicas, como a utilitarista e a socialista. Ora, há aqui um ponto ulterior a notar: a própria instrução pode, ministrada por métodos pedagógicos adequados, ser formativa; quer dizer, pode desenvolver o sentido de dignidade pessoal e alargar utilmente a mente do aluno. Para isso é um dos meios mais seguros facultar cursos não rígidos; isto é, deixar uma certa liberdade ao aluno na escolha das matérias que constituem o curso que quer tirar; como acontece, por ex., em certas universidades inglesas e americanas (Vd. K e M).

As exigências de formação integral levam a que o universitário tenha meios e estímulo para desenvolver os aspectos da sua vida não exclusivamente intelectuais: físicos, morais, sociais, culturais, religiosos. Vimos que nas Universidades formativas se dedica grande importância a este ponto; e mesmo em algumas utilitaristas parte do problema é considerada; a parte menos nobre e mais medíocre. O problema que surge é o de equilíbrio entre a formação e a instrução. B. Truscot, na obra aludida, faz uma crítica severa de certo perigo das Universidades formativas em dispersarem de tal modo a atenção do aluno



que ele não consegue fazer coisa nenhuma bem feita, e ainda menos estudar; o mesmo perigo da superficialidade a que o Santo Padre se refere na passagem atrás citada; esse "waste of talent", como diz Truscot, é a grave consequência duma vida com demasiados centros de interesse, que pode levar à criação dum tipo não incomum em Oxford e Cambridge, o "pleasant scoundrel"; então a missão formativa falhou, evidentemente, de todo. É isto um escolho a ter em vista; é também a crítica que se faz a muitas universidades americanas ("joga-se demais e estuda-se de menos"); e, quantas vezes não vemos, entre nós, surgir o mesmo perigo quando as associações, no louvável intuito de completarem a formação do aluno, só conseguem dispersá-lo. Se este é um perigo, por um lado, não menos é, por outro, o que resulta dos métodos duma Universidade liberal. Totalmente abandonado do ponto de vista formativo, quantas vezes o rapaz não se torna um misógino de idéias estreitas e deplorável falta de cultura e curiosidade intelectual. Todos nós conhecemos este tipo de diplomado, que pode ter brilhado nos estudos, mas é um homem incompleto e sem centro, desprovido de espírito, de facto, e sujeito a cair nas malhas da primeira armadilha que lhe apareça. O perigo é demasiadamente grande para o deixarmos passar em claro: porque o perigo vem ao mundo pelos homens desprovidos de alma. Porque estes são, como mostrou G. Marcel, por natureza essencialmente fanatizáveis. São eles os que dirigem as técnicas de aviltamento e eles próprios se aviltam; técnicas de despersonalização que pesam sobre o nosso mundo como o espada de Damocles. "Le propre des techniques d'avilissement... consiste précisément à mettre l'individu dans une situation telle qu'il perd contact avec lui-même, qu'il est literalment hors de soi..." (in O) O resultado, é o que se passa no universo concentracionário; a quem manifestar dúvidas sobre o perigo, aconselho a leitura de "1984" de Orwell. E em face deste perigo, só o homem livre, na concepção cristã, pode ser caminho de salvação; aquele que Marcel define: "un homme ne peut être ou rester libre que dans la mesure où il demeure relié au transcendant". É esta ligação ao transcendente que, de modo indefectível, a Universidade tem de promover.

Todos sabemos que, em países de Universidades liberais, se tenta mais ou menos resolver o aspecto formativo por associações e actividades extra-universitárias; vidé por ex. G2; do qual o exemplo mais



acabado é o que se passa nos países de língua alemã com as Ligas de estudantes, associações veneráveis, cheias de tradições, de vitalidade, agrupando estudantes e diplomados, levando uma vida cheia de ritos, e manifestações culturais e sociais, onde a formação integral do aluno é altamente favorecida. É em especial o caso das Ligas de "Farbstudenten", como as austríacas, em que os uniformes e bandeiras, as "cores", que lhes são próprias manifestam o alto grau de vida que atingiram como comunidades estruturadas. Mas nem por isso deixará de ser certo que procurar a formação à sombra da Universidade, mas fora dela, sendo embora um grande passo em frente em relação a não a poder encontrar nem dentro nem fora, é condavia insuficiente. Isto é, a Universidade não deve alhear-se dos problemas formativos; a nossa época não pode continuar a tolerar Universidades liberais; o preço porque se paga o alheamento das realidades humanas é demasiado oneroso. Veja-se por exemplo a que a Universidade de Oslo, do tipo da nossa, começou fazendo, no primeiro semestre do ano passado, criando lições destinadas aos alunos de todas as Faculdades, o que, mais do que se esperava, foi um êxito. A primeira série, dada por um professor de medicina, tinha por tema "Herança e Meio considerados em Psicologia"; a seguinte, dada pelo reitor da Universidade, tratava dos princípios da Constituição Norueguesa; e desde então têm continuado tais cursos (in I, Março 52).

É sem dúvida num equilíbrio entre as necessidades formativas e as instrutivas que reside a justa solução; para esse equilíbrio, de natureza dinâmica, não um equilíbrio estático que implicaria estagnação, devem as Universidades conscientemente tender; porque, no fundo, não poderão ter missão mais nobre do que a de educarem homens, de participarem na obra da sua salvação pessoal, e através deles na salvação do mundo. Homens! quantas vezes se não alheiam certas Universidades da riqueza do material que franqueia os seus umbrais? E no entanto são homens, edle Menschen, as mais nobres criaturas de Deus:

Nur allein der Mensch
Vermag das Unmögliche:
Er unterscheidet,
Wählet und richtet;
Er kann dem Augenblick
Dauer verleihen

Er allein darf
Den guten Lohnen.
Den bösen strafen,
Heilen und retten...



Mas então Göthe era poeta, e pode dar-se razão aos poetas?

5. Parece-me portanto que as conclusões a tirarmos desta nossa análise são as seguintes:

1º. As universidades devem dar flexibilidade aos cursos nelas professados, de forma a criar uma certa liberdade de escolha pessoal das matérias a tirar para obter determinado diploma; esta personalização do curso deve ser acompanhada de métodos pedagógicos que a sublinhem, e feita com a ajuda de directores pedagógicos que orientem cada aluno e o ajudem a encontrar e perseverar na sua vocação; devem ser acarinhados com especial interesse os alunos que manifestem propensão para a investigação.

2º. As Universidades devem permitir e procurar a completação formativa dos cursos especializados; dando a possibilidade de se frequentarem cadeiras noutras faculdades e promovendo actividades culturais, como cursos gerais, conferências, etc.; desenvolvendo a vida da comunidade académica por meios adequados (criação de residências universitárias, ritos associados aos vários passos da vida escolar, vida intensa de relações, aproximação de professores e alunos, actividades extra-académicas de índole artística, desportiva, etc.).

3º. As Universidades devem aumentar em prestígio na Comunidade nacional, por uma autonomia maior, e o reconhecimento explícito da sua influência como entidades independentes.

B I B L I O G R A F I A



- A T. S. Eliot, "The idea of a Christian Society"
- B "Existentialisme Chrétien", ed Présences
- C Bergson, "La pensée et le mouvant"
- D Berdiaeff, "Cinq Meditations sur l'existence"
- E J. E. Hales, "British Education", in British Life and Thought"
- F Américo C. Ramalho, "Estudos Clássicos em Oxford", em "Estudos" Dez. 51, Jan. 52.
- G1 B. I. Evans, "University Expansion", in Britain To-day" Set.47
- G2 Idem, "The London Undergraduate", idem, Febr. 51
- H Raissa Maritain, "Les grandes amitiés"
- I "Osterreichische Academia", vários números; têm interesse para conhecimento da vida numa universidade americana os artigos de Fleichtlbauer nos números de Dez.51, Jan.53, Dez.52 e Fev.53.
- J "La Nation Romaine"
- K Bruce Truscott, "Redbrick University"
- L Alfredo Bensaude, "Notas histórico-pedagógicas sobre o I.S.T."
- M Marques de Carvalho, "Impressões da América"
- N "Revue la Catho", nº. 4
- O Gabriel Marcel, "Les hommes contre l'humain"
- P Rogério Martins, "Crise e Universidade", ensaio, 1950
- Q J. Lasso de la Vega, "La crisis mundial de la Institucion universitária", em "Arbor", Set-Out 51
- R "Les cahiers de droit", "La Réforme de l'université", nº. de Março-Abr.-Maio 47
- S "Life", I. Ed., 22-5-1950
- T Göthe, "Gedichte".